

O Junho dos interiores: dinâmicas do protesto e experiências políticas de ativistas e militantes no interior dos estados nas Jornadas de 2013

June in the interior: protest dynamics and political experiences of activists and militants in the interior of the states during the 2013 Journeys

Luis Antonio Groppo^a , Gislene da Silva^b ,
Flávia Alves de Sousa^c 

Resumo Tendo como tema as Jornadas de 2013 no interior dos estados, o artigo tem como objetivo descrever e analisar as dinâmicas desse ciclo de protestos durante sua interiorização, em Junho, ao lado da massificação e ampliação das manifestações em todo o Brasil. Também, tem como objetivo conhecer o impacto da experiência de participar das Jornadas para quem foi ativista e militante nesses locais. O artigo se fundamenta na Teoria dos Processos Políticos – com as categorias de ciclo de protestos e repertórios de contestação – e na categoria de subjetivação política de J. Rancière. Como método, destacam-se entrevistas semiestruturadas com seis ativistas e militantes atuantes nas Jornadas em cinco municípios do interior de três estados do país (São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul). Entre as conclusões, a caracterização do ciclo de protestos nos interiores como um ciclo curto – o “Junho dos interiores”, mas com elementos relevantes que caracterizam a dinâmica em alguns locais como um ciclo médio, dada a importância da latência e a continuidade dos atos após Junho. Também, a conclusão de que o Junho dos interiores foi lócus de um processo de subjetivação política que implicou, de um lado, a constituição de coletivos identitários e a renovação das organizações de esquerda nos anos seguintes, e, de outro, influências decisivas nas trajetórias de vida de ativistas e militantes.

Palavras-chave Jornadas de 2013. Interior dos estados. Ciclos de protesto. Repertórios de contestação. Subjetivação política.

a Universidade Federal de Alfena (UNIFAL). E-mail: luis.groppo@gmail.com

b Universidade Federal de Alfena (UNIFAL). E-mail: gislene.silva@sou.unifal-mg.edu.br

c Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: viaousa75@gmail.com

Abstract *The article has as its theme the 2013 Journeys in the interior of the states. It aims to describe and analyze the dynamics of this cycle of protests during their expansion to the interior of the states in June, alongside the massification and expansion of demonstrations throughout Brazil. It also aims to understand the impact of the experience of participating in the Journeys for those who were activists and militants in these places. The article is based on the Theory of Political Processes – with the categories of protest cycle and repertoires of contestation – and on J. Rancière’s category of political subjectivation. The method used is semi-structured interviews with six activists and militants active in the Journeys in five municipalities in the interior of three states in the country (São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul). Among the conclusions, the characterization of the cycle of protests in the interior of the states as a short cycle – the “June of the interior”, but with relevant elements that characterize the dynamics in some places as a medium cycle, given the importance of latency and the continuity of the demonstrations after June. Also, the conclusion that June in the interior was the locus of a process of political subjectivation that implied, on the one hand, the constitution of identity collectives and the renewal of left-wing organizations in the following years, and, on the other, decisive influences on the life trajectories of activists and militants.*

Keywords *2013 Journeys. Interior of the states. Protest cycles. Repertoires of protest. Political subjectivation.*

INTRODUÇÃO

O tema deste artigo são as Jornadas de 2013 no Brasil no interior dos estados, especificamente, em São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. O seu objetivo é compreender quais foram as dinâmicas dos protestos no interior dos estados e como ativistas e militantes experimentaram esses protestos. Especificamente, são analisadas entrevistas com seis ativistas e militantes de cinco municípios de três diferentes estados do país: São Paulo (Americana e São José dos Campos), Minas Gerais (Poços de Caldas e Alfenas) e Rio Grande do Sul (Caxias do Sul).¹

O artigo se justifica pela sua contribuição para uma melhor compreensão da complexidade do ciclo de protestos Jornadas de 2013 no Brasil, em especial quando as manifestações espalharam-se por todas as regiões do país e se interiorizaram

¹ As entrevistas fazem parte da pesquisa “Dimensões educacionais das Jornadas de 2013” que é financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (Capes) e Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UNIFAL-MG, com o CAAE 54907522.1.0000.5142.

nos estados, incluindo municípios de porte médio e pequeno, durante a segunda metade do mês de junho – o que fez esse fenômeno vir a ser conhecido principalmente como “Junho de 2013”.

Em sua primeira fase, a pesquisa que deu origem a este artigo foi bibliográfica, em 2022 e 2023; ela não encontrou nenhum produto acadêmico que tivesse como foco as Jornadas no interior dos estados, o que reforça a relevância do presente artigo. Em sua segunda fase, a pesquisa entrevistou 18 pesquisadoras e pesquisadores das Jornadas, tendo encontrado alguns elementos relevantes a respeito da expansão das Jornadas durante Junho de 2013, mas ainda poucos a respeito dos protestos no interior dos estados.

Em sua terceira fase, a pesquisa entrevistou 36 pessoas, preferencialmente jovens em 2013, que foram ativistas e militantes das Jornadas, em sete diferentes estados; dessas, 6 pessoas atuaram nos protestos em municípios do interior. As entrevistas foram realizadas de junho de 2023 a março de 2024, de maneira presencial. As entrevistas foram de tipo semiestruturado e seguiram um roteiro que abrangia quatro partes: trajetória escolar; formação política; experiências nas Jornadas; e trajetória política e escolar após 2013. As pessoas entrevistadas escolheram pseudônimos, conforme projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Nas análises das entrevistas, foram selecionados trechos e feitas sínteses de passagens a partir das seguintes categorias: início do movimento; pautas; experiências nas Jornadas; e trajetória política após 2013. Como apoio à análise, foi feita uma pesquisa em portais de notícias sobre os protestos ocorridos nos cinco municípios dos interiores aqui tratados.

O texto contém cinco seções após esta introdução: na primeira, são apresentados os principais conceitos que permeiam a análise; na segunda, se apresentam as pessoas que concederam as entrevistas para este artigo; na terceira, é feita uma descrição e interpretação das Jornadas nos cinco municípios aqui abordados; na quarta, uma análise das trajetórias políticas das seis pessoas entrevistadas; as considerações finais fecham o artigo.

“JUNHO” E JORNADAS DE 2013: CICLOS E REPERTÓRIOS

Sidney Tarrow define os ciclos de protesto como decorrentes da ampliação de oportunidades políticas para grupos insurgentes e do fato de se disseminarem “informações sobre a suscetibilidade de um sistema político ser desafiado”. (2009, p. 44). Os primeiros conflitos ampliam tais oportunidades, incentivando novos movimentos a se organizar e o engajamento de pessoas comuns. Difundem-se os confrontos por efeito “contágio” mas também como resultado de decisões racio-

nais de agentes, na busca de tirar vantagens, assim como em reação à ameaça de seus interesses.

Os ciclos possuem uma fase de latência, quando se constituem as condições para a fase mais visível dos protestos. A latência, segundo Alberto Melucci (1989, p. 61), “cria novos códigos culturais e faz com que os indivíduos os pratiquem”.² Na fase de visibilidade, inicialmente, pequenos grupos se opõem à autoridade por um objetivo específico, o qual pode revelar contradições na lógica geral do próprio sistema social. Por isso, protestos iniciais podem ter sucesso em chamar a atenção de amplos setores da sociedade e até mesmo espalhar a insatisfação para outras regiões do país e inclusive motivar protestos em outros países.

As Jornadas podem ser abordadas como um ciclo de protestos, que, entretanto, parece combinar no seu interior três distintas temporalidades:

- 2013 como um “ciclo curto” durante Junho: destacam-se as manifestações contra o aumento das tarifas do transporte público pelo autonomista Movimento Passe Livre – São Paulo (MPL-SP), na primeira metade de junho de 2013; também, a violenta repressão policial em 13 de junho como um divisor de águas, o que fez o movimento ganhar apoio da opinião pública, logo fazendo com que os protestos se tornassem megamanifestações – na segunda metade do mês – com a presença dos mais diversos setores da população e as pautas as mais díspares e difusas (Singer, 2013);
- 2013 como um “ciclo médio” que considera mais e melhor a latência das Jornadas, desde as mobilizações do MPL quando de sua criação em 2004, bem como a formação dos Comitês Populares da Copa (CPC) (Dowbor, Szwako, 2013); a fase visível se inicia em março de 2013, em Porto Alegre/RS, quando o Bloco de Lutas pelo Transporte Público conquista a revogação do aumento, mas ganha mais atenção ainda quando é retomado na capital paulista no início de junho, com o MPL; após a fase massiva, entretanto, o ciclo não se interrompe, destacando-se ocupações de espaços públicos no Nordeste (Ocupe o Cocó [Fortaleza/CE] e Ocupe Cais Estelita [Recife/PE]), a continuidade dos protestos contra a Copa e greves defensivas de diversas categorias de trabalhadores, como a longa greve de docentes cariocas e a greve dos garis no Rio, em pleno Carnaval de 2014. (Braga, 2017);

2 Aqui se adota a definição de latência de Alberto Melucci (1989) que, apesar de teórico dos novos movimentos sociais, dialoga com Tarrow e destaca a dimensão das experimentações culturais e sociais entre sujeitos e organizações durante a latência, as quais ganham mais impacto durante a fase da visibilidade dos protestos.

- 2013 como parte de um ciclo “longo” de protestos, a “revolta das praças”, segundo Gerbaudo (2017); as causas mais gerais, crise econômica mundial iniciada em 2008, e a crescente crise de legitimidade dos sistemas políticos vigentes, transcendem as nações e ajudam a explicar o caráter global deste ciclo de protestos, desde a Primavera Árabe em 2011, passando por Ocupe Wall Street (Estados Unidos), Indignados (Espanha), Jornadas de 2013 no Brasil, entre outros, até o Nuit Debuit na França, em 2016.

Por sua vez, a noção de repertório de contestação, também oriunda da teoria dos processos políticos, identifica um conjunto mais ou menos coerente de táticas ou formas de ação de um movimento social. Assim ela é definida por McAdam, Tarrow e Tilly: “número limitado de desempenhos alternativos historicamente estabelecidos ligando reivindicadores a objetos de reivindicação”. (2009, p. 24). Ainda, segundo Charles Tilly, o repertório de contestação se trata de:

[...] um conjunto limitado de rotinas que são aprendidas, compartilhadas e postas em ação por meio de um processo relativamente deliberado de escolha. Repertórios são criações culturais aprendidas, mas eles não descendem de filosofia abstrata ou tomam forma como resultado da propaganda política; eles emergem da luta. [...] Em qualquer ponto particular da história, contudo, elas [as pessoas] aprendem apenas um pequeno número de maneiras alternativas de agir coletivamente (Tilly apud Alonso, 2012, p. 26).

Diferente do movimento antiglobalização, a revolta das praças não se via como uma mobilização mundial contra as instituições globais do capitalismo, mas, antes, como movimentos nacionais contra suas elites locais políticas e econômicas, por isso mesmo, guiada notadamente por uma combinação entre o autonomismo oriundo da antiglobalização e uma nova versão do populismo democrático radical, dando origem ao “cidadanismo”, recriador de símbolos nacionais, mais propriamente “populares”, em prol de reformas sociais e um aprimoramento da democracia. (Gerbaudo, 2017). Entretanto, o próprio Gerbaudo (2017) foi capaz de flagrar a ambiguidade política de movimentos como o 5 Estrelas na Itália e o Nuit Debuit francês, manifestações que reuniram, lado a lado, nas ruas, cartazes e discursos, pautas e palavras de ordem pertencentes a diferentes matrizes políticas, da direita à esquerda. Multidões pareciam indecisas entre diferentes repertórios de contestação, como forma de dar vazão às suas indignações.

Na análise de Pinheiro-Machado (2019), o ciclo curto de “Junho” no Brasil guardou essa característica, a de uma manifestação populista ambígua em suas conotações ideológicas. Era ainda véspera do acirramento político-ideológico, que passou a atravessar o próprio tecido social brasileiro, mais marcadamente com o início do movimento pelo impeachment de Dilma Rousseff em 2015. As ruas, nos massivos protestos de Junho, ficaram marcadas também pela tensão e certa coabitação nos espaços públicos entre diferentes repertórios de protesto, que seriam, com base em Alonso e Mische (2017): autonomismo, socialismo e patriotismo. No entender de Ortellado (2017), o “cidadanismo” nas ruas paulistanas, da primeira para a segunda metade de Junho, oscilou do autonomismo para o repertório patriota, multidões deixadas à deriva depois da decisão do MPL-SP de sair do movimento, após conquistar a revogação do aumento das tarifas.

As análises das entrevistas que realizamos com ativistas e militantes das Jornadas têm revelado que o fenômeno foi um intenso momento de subjetivação política, ou seja, permitiu para muitas pessoas a vivência da política como “desentendimento”, a saber, uma experiência de igualdade política (de fala e ação) entre todas as pessoas. A subjetivação política é essa experiência ímpar que rompe, ainda que temporariamente, as divisões artificiais da ordem social e política, divisões as quais excluem ou reduzem a importância de dados grupos de pessoas, mantidas sob a vigilância dos poderes “policiais” (não apenas de repressão, mas também de gestão, de estabelecimento do consenso e de legitimação do afastamento das pessoas “comuns” dos processos decisórios, destinados a especialistas). (Rancière, 1996). Seja pela vivência das Jornadas em seu ciclo “médio”, seja pela abrupta vivência do Junho (o ciclo “curto”), 2013 é um momento de subjetivação política, inclusive nos interiores, como as seis entrevistas aqui analisadas demonstram.

2013 E OS SUJEITOS DO INTERIOR

Neste item, apresentamos dados que ajudam a caracterizar as seis pessoas entrevistadas. O critério para a escolha delas foi, primeiro, o de que tivessem sido ativistas e militantes de organizações e movimentos que organizaram as manifestações durante o ciclo de protestos que estudamos. Os convites partiram das redes de contatos acadêmicos e políticos estabelecidas pela equipe de pesquisa, que recebeu a colaboração de pesquisadoras e pesquisadores de vários estados. O Quadro 1 apresenta as seis pessoas entrevistadas que atuam nas Jornadas em municípios do interior.

Quadro 1. Ativistas e militantes que atuaram nas Jornadas no interior dos estados, que concederam entrevista.

Pseudônimo	Município	Forma de atuação em 2013	Caracterização atual	Data da entrevista
Rosa	São José dos Campos/SP	Militante do Juntos! (socialista)	Mulher, branca, pansexual, 35 anos Graduada em Serviço Social. Assessora parlamentar pelo PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) em São Paulo/SP.	20/06/2023
André Martins	Americana/SP	Ativista do Pula Catraca (autonomista).	Homem, branco, pansexual, 37 anos. Graduado em Publicidade e Propaganda. Roteirista e assessor parlamentar pelo PT (Partido dos Trabalhadores) em São Paulo/SP.	28/10/2023
Márcia	Caxias do Sul/RS	Militante da UJS (União da Juventude Socialista) (socialista)	Mulher, branca, heterossexual, 28 anos. Graduada em Serviço Social. Assessora parlamentar pelo PCdoB (Partido Comunista do Brasil).	23/02/2024
Hugo	Caxias do Sul/RS	Manifestante. Ativista do movimento estudantil (ME) (socialista).	Homem, branco, heterossexual, 33 anos. Tecnólogo em Mecânica. Metalúrgico em São Paulo/SP. Filiado ao PT.	27/02/2024
Irma	Alfenas/MG	Ativista do Levante Popular da Juventude (LPJ – socialista). Independente.	Mulher, negra, heterossexual, 29 anos. Mestra em Educação. Professora de Sociologia na Educação Básica. Filiada ao PSOL.	06/11/2023
Marcos	Poços de Caldas/MG	Militante do PT (socialista). Coordenador do Educafro (cursinho popular).	Homem, pardo, heterossexual, 35 anos. Doutor em Educação. Professor de Geografia na Educação Básica. Militante do PT.	07/03/2024

Fonte: Pesquisa “Dimensões educacionais das Jornadas de 2013”.

As entrevistas, cotejadas com informações encontradas em publicações disponíveis na Internet de veículos da imprensa, permitem contar parte importante da história do “Junho” dos interiores. Além disso, elas permitem conhecer as experiências de tais ativistas e militantes, para questionar se esse Junho supostamente singular foi um momento de subjetivação política.

DINÂMICAS

Neste item, após apresentar a hipótese formulada por este artigo para descrever a dinâmica dos protestos nos municípios do interior, tratamos de como as pessoas entrevistadas narram os eventos das Jornadas em seus municípios, com o auxílio de um quadro descritivo dos principais eventos nesses locais.

As entrevistas realizadas em Caxias do Sul/RS (Márcia e Hugo) guiaram a formulação de uma hipótese sobre a dinâmica de 2013 no interior dos estados. Segundo esta hipótese, o início e a concentração dos eventos se dá na segunda metade de junho, acompanhando as manifestações que se realizam na capital paulista, em especial a partir do dia 20, por meio de uma espécie de efeito contágio, capaz, entretanto, de catalisar uma série de insatisfações, desconfortos e indignações difusas de setores muito diversos das suas populações – na esteira da conceituação de ciclo de protestos por Tarrow (2009). A partir desse efeito contágio, os protestos, ou se iniciam, ou, onde já havia alguma mobilização, passam a tomar enormes proporções, com manifestações convocadas na forma de eventos na rede social Facebook por pessoas que, em muitos casos, permanecem anônimas ou esquecidas. Movimentos sociais e partidos políticos de esquerda avaliam a necessidade de participar das manifestações, no intuito de organizá-las e fornecer um sentido político para elas e suas pautas.

Em geral, foram militantes desses partidos de esquerda, orientados pelo repertório de contestação socialista, que conseguimos entrevistar para nossa pesquisa. Como se verá, suas entrevistas confirmaram apenas em parte a hipótese acima formulada, permitindo flagrar um grau de complexidade ainda maior que o esperado inicialmente neste Junho dos interiores, mesmo considerando o limite do alcance territorial de nossas entrevistas.

Quadro 2. Principais eventos durante as Jornadas de 2013 nos municípios do interior abarcados pela pesquisa.

Município	Habitantes em 2013	Principais eventos
Caxias do Sul/RS	465.304	21/06: manifestação com cerca de 20 mil manifestantes; parte ataca vitrines de lojas e enfrenta a polícia, que reprime de forma violenta.
Americana/SP	224.551	20/06: marcha pacífica reúne cerca de 15 mil pessoas. 27/06: 300 pessoas protestam em frente à Câmara dos Vereadores. 07/09: protesto do Pula Catraca durante o Desfile da Independência é reprimido pela Guarda Municipal.
São José dos Campos/SP	673.255	02/02: ato com 60 estudantes contra o anúncio de reajuste das tarifas de ônibus. 20/06: cerca de 30 mil manifestantes fecham a Via Dutra, apesar de a prefeitura ter anunciado a redução da tarifa do transporte pela manhã. 27/06: cerca de 1.500 manifestantes desfilam e novamente fecham a Via Dutra, sendo acionada a Tropa de Choque. Demandam nova redução da tarifa. 07/09: 150 manifestantes queimam catraca simbólica após o Desfile da Independência.
Poços de Caldas/MG	161.025	17/06: protesto pacífico com cerca de 500 manifestantes fecha por alguns minutos o Terminal de ônibus. 20/06: manifestação com 3 mil pessoas, com 2 jovens detidos por soltar bombinhas. 22/06: manifestação com 10 mil pessoas se dirige à Prefeitura. Prefeito (Eloésio Lourenço – PT) vai conversar com manifestantes. 25/06: A prefeitura anuncia a redução da tarifa do ônibus urbano e a criação do Conselho Municipal de Transporte Público.
Alfenas/MG	77.618	21/06: protesto com cerca de 10 mil pessoas vai da universidade federal até a praça central. 24/06: manifestantes “enfeitam” Câmara Municipal com papel higiênico. 09/07: 9 manifestantes fecham por meia hora o trevo principal de acesso à cidade.

Fontes: IBGE (2013); Sperbe (2014); G1 Campinas e Região (2013); Rodrigues (2013); Santos (2013); Silva (2013).

Caxias do Sul/RS tem apenas um evento relatado no Quadro 2, em 21 de junho. Entretanto, foi um ato de grandes proporções, considerando o tamanho do município e sua história. O ato foi convocado na forma de um evento do Facebook, “por pessoas que a gente não sabe”, organizado e debatido posteriormente por meio de reuniões abertas num bar de rock e no shopping, reunindo principalmente

“pessoas que se colocavam como anônimas”. (Márcia). Apesar de o chamado destacar a redução das tarifas do transporte público, no dia 21 “era cada um com seu cartaz. [...] As pessoas queriam que as coisas fossem diferentes, não se sabe direito o que, mas queriam”. (Márcia). Márcia considerou, com a UJS, que “não tinha como as organizações do ME, da juventude, se ausentarem daquilo”. Tais organizações vieram chamar atos posteriores, com pautas mais definidas, “mas esses atos passaram a ser menos massivos”.

Hugo (Caxias do Sul) soube do ato do dia 21 por torcida organizada e sua turma do *rock*. A chamada falava de redução das tarifas, mas logo as pautas se multiplicaram, assim como a origem social das e dos manifestantes: “Eu encontrava até meus tios na rua [...]. Nem eles sabiam porque estavam lá, mas estavam lá”. (Hugo). Ele tem uma avaliação muito negativa das Jornadas e o fato das organizações e movimentos sociais de esquerda não terem dado direção aos protestos, concluindo que 2013 foi “um instrumento de um movimento internacional” contra governos não alinhados aos Estados Unidos e Europa, manipulando o que veio a se tornar “um movimento de ódio”. Já na avaliação de Márcia, as esquerdas tradicionais se viram perplexas diante de um movimento que tomou as ruas sem passar por elas. Elas foram para as ruas, tentando em vão dar sentido único ao grande evento do dia 21; enquanto um grupo de jovens atuava como *black blocs*, as esquerdas socialistas recuavam diante da repressão policial.

Em uma primeira avaliação, as experiências de Márcia e Hugo nos massivos e desgovernados atos de Caxias do Sul, bem como a sua filiação a partidos do chamado Campo Popular (PT e PCdoB), base política dos governos federais petistas, levaram ela e ele a avaliações menos otimistas do legado de 2013, a despeito das influências decisivas das Jornadas em suas trajetórias escolares e políticas. O repertório de contestação socialista, conforme descrição de Alonso e Mische (2017), tende a valorizar a organização do protesto em torno de pautas afirmadas diante de instituições estatais, enquanto a dinâmica das ruas parecia, a militantes informados por tal repertório, confusa em suas ações e caótica nas suas demandas.

André Martins (Americana/SP) foi, justamente, o ativista de 2013 que criou o evento no Facebook que convocou o primeiro grande ato neste município. Fez isso com um amigo que, como ele, era ativista cultural em um cineclubes. André Martins veio a se tornar o principal porta-voz dos protestos em Americana. O evento foi criado “de forma despretensiosa”, convocando o ato para 20 de junho. Recebeu 15 mil confirmações, mas se estima que a manifestação tenha recebido 30 mil pessoas. Renomeou-se a página como “Pula Catraca”, por recomendação de militantes do PT que, como outros grupos políticos de esquerda e de direita,

buscaram se aproximar do movimento. Realizavam-se reuniões abertas, em uma praça central, no esforço de vivenciar a horizontalidade e a democracia participativa. O Pula Catraca, ainda durante 2013, convocou importantes atos, como a manifestação em apoio à greve do serviço público municipal em frente à Câmara dos Vereadores, e protesto severa e covardemente reprimido durante o desfile de 7 de setembro (pois havia sido feito um acordo com a Guarda Municipal, não cumprido por ela). André Martins, ao lado de ativistas e militantes das esquerdas, buscaram fazer do Pula Catraca um movimento politizado e consistente (inclusive, André Martins se filiou ao PT no final de 2013). O Pula Catraca congregou diversas organizações e movimentos progressistas. Restou, ao final, um núcleo muito atuante de ativistas que teve importante força política no município por alguns anos, atuando destacadamente na campanha pela cassação do então prefeito, Diego de Nadai (PSDB – Partido da Social-Democracia Brasileira), por irregularidades em sua campanha, o que se conquistou definitivamente em outubro de 2014. Diversas pautas locais continuaram sendo ativadas desde então – incluindo a formação de um importante coletivo LGBTQIAP+, o Crisálida –, até o grupo perder sua força no final dos anos 2010.

Caxias do Sul e Americana se assemelham na origem dos atos: a convocatória por meio do *Facebook*; quem convoca não é ativista ou militante pertencente a uma organização política; a população atende massivamente à convocação, enquanto partidos e organizações das esquerdas buscam se aproximar das instâncias decisórias dos atos e direcionar os protestos em sentido progressista – com mais sucesso em Americana, com menos em Caxias do Sul. André Martins não deixa de revelar que, a despeito da origem despreziosa e trajetórias caóticas de muitos desses movimentos interioranos, há legados importantes de Junho, ao menos em seu município, a ponto de fazer com que o Pula Catraca fizesse as Jornadas avançar ao longo dos próximos meses. Apesar dele ter se filiado ao PT já no final de 2013, continuou a manter grande orientação do repertório autonomista que, na descrição de Alonso e Mische (2017), valorizam a ação pré-figurativa (que quer garantir a coerência entre tática e objetivo da luta social) e uma forma de democracia participativa assentada na horizontalidade. Tais características do repertório autonomista tiveram grande atração de importantes frações das juventudes em 2013 e nos primeiros anos seguintes, alimentando novos protestos, não apenas nas capitais, mas em municípios do interior, como Americana.

A dinâmica em São José dos Campos/SP também tem suas singularidades, quando um pequeno grupo organizado pelo *Facebook* começou a organizar atos em Junho que, de início, foram pequenos. Rosa, filiada ao PSOL, conheceu esse

“grupinho” de jovens do ME universitário e que imprimiram um forte tom autonomista às reuniões organizativas realizadas no parque municipal. Na senda dos demais protestos pelo país, os atos se tornaram grandes manifestações a partir de 20 de junho. E, se a pauta original também era a revogação do aumento das tarifas do transporte público, logo entraram outras pautas, como a defesa de melhores salários de docentes e saúde “padrão FIFA”.³ Militantes do PSOL e do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) participavam do núcleo organizativo, apesar de certa desconfiança de autonomistas, enquanto o sindicato dos metalúrgicos tinha rechaçado o caminhão de som que levava para os atos,. Quando os protestos se agigantaram, “as coisas fugiram do controle”: “A gente era pequeno para muita coisa. A sensação era a de que era bagunça, [...] meio terra de ninguém”. (Rosa). De um lado, jovens anarquistas pressionam por ações mais violentas, de outro, o sindicato insistia no seu caminhão de som, ambos os lados, entretanto, rechaçados pela grande maioria da multidão. No final, as tarifas do transporte público foram reduzidas por duas vezes. Rosa defende com mais ênfase o legado progressista das Jornadas em seu município, a despeito de informar que o MPL de São José dos Campos (formado em 2013 por autonomistas), após alguma atuação relevante nos anos seguintes, se desmobiliza; ela também concorda que a extrema-direita soube conquistar, desde então, a adesão de muitas pessoas e disputar as ruas, tradicional monopólio das esquerdas. Por outro lado, juventudes de partidos socialistas receberam novo e importante contingente de militantes, enquanto nasciam diversos coletivos identitários – feministas, LGBTQIA+ e negros -, além do fortalecimento do movimento territorial do bairro popular do Banhado.

Muito mais dependente do efeito contágio e reativo em Caxias do Sul, Junho ainda tem esse teor em Americana, ainda que no município paulista tenha sido possível uma melhor retradução dos eventos como uma mobilização organizada pela esquerda; em São José dos Campos, os atos são convocados desde o início por estudantes autonomistas, tal qual na capital paulista. O que se verá no Sul de Minas Gerais, em Poços de Caldas (município de médio porte) e Alfenas (de pequeno porte) é algo semelhante ao descrito em São José dos Campos, com a diferença de que é outro o repertório de contestação que informa os sujeitos que convocam os atos: são militantes de movimentos sociais e partidos mais afeitos ao repertório socialista.

3 O padrão FIFA (Federação Internacional de Futebol) se refere às exigências da FIFA para os estádios que vão abrigar jogos da Copa do Mundo de Futebol. As obras de reforma ou construção dos estádios, assim como para o acesso aos estádios, foram muito criticadas e também serviram de mote para as Jornadas de 2013.

Assim como em São José dos Campos, em Poços de Caldas os atos anteriores a 20 de junho são pequenos, centrados na pauta da redução das tarifas do transporte público. Entretanto, como nas demais cidades descritas até aqui, na fase massiva há um grande afluxo da multidão para as ruas, congregando os mais diversos grupos sociais e suas pautas díspares. O relato de Marcos (Poços de Caldas) considera que a esquerda socialista que chamou os atos conseguiu imprimir uma conotação majoritariamente progressista aos eventos, centrada na redução das tarifas e na demanda pelo controle democrático da gestão do transporte público, cujo serviço de ônibus urbano era tradicional monopólio de um empresa privada. Entretanto, admite que na maior manifestação na cidade, em 22 de junho, reunindo 10 mil pessoas, “a gente não tinha controle nenhum”. Marcos era o coordenador do núcleo do cursinho popular Educafro, militante do PT e ocupante de cargo nomeado na gestão municipal. A despeito da orientação inicial da direção do partido ser a de que não deveriam participar das Jornadas, ele e a militância, principalmente voluntárias e voluntários do Educafro, organizaram as manifestações. Na verdade, havia um acúmulo de lutas sociais em Poços em torno da questão do transporte público, incluindo uma manifestação muito reprimida pela polícia em 2005 contra o aumento da tarifa.

O relato de Irma (Alfenas/MG) é menos prolixo na descrição dos eventos. Irma estava iniciando sua atuação no ME da universidade federal e se aproxima do LPJ – outra organização do Campo Popular, mas não considera que antes de Junho tivera atuação política consistente. O que Irma chama de suas impressões sobre os atos em Alfenas são suficientes para nos levar a considerar que a dinâmica aqui foi semelhante à de Poços: jovens estudantes sob organização socialista e no Campo Popular (LPJ e juventude do PT), mas com muitas aspirações autonomistas (o interesse pela ação direta e processos decisórios horizontais); certo sucesso em fazer da pauta da redução das tarifas a demanda central da mobilização; e a conquista da revogação.

Nos dois municípios sul mineiros não houve praticamente repressão policial, inclusive pelo costume desta militância formalizar as manifestações diante do poder público e polícia militar. Em ambos, entretanto, houve relativa ampliação das pautas, sob a égide de manifestantes que diversificaram a base social dos atos. Em Poços de Caldas, grupo de direita tentou disputar o controle dos atos, sem sucesso segundo Marcos. Entrevistas e matérias da imprensa revelam certa proliferação de pautas, principalmente em Alfenas, incluindo o manifesto de *skatistas* da periferia por melhorias na pista de *skate*; pautas menos afeitas ao campo progressista também foram citadas, como o rechaço à Proposta de Emenda Constitucional

(PEC) 37 (que retiraria o poder investigatório criminal do Ministério Público) e, em um dos atos, estudantes de Medicina da universidade privada levaram cartazes criticando o Programa Mais Médicos.

A tarifa foi reduzida em Poços de Caldas e o prefeito, que chegou a conversar diretamente com a multidão, no ato de 22 de junho, decretou a criação do Conselho Municipal de Transporte Público. Marcos e Irma concordam, assim como Rosa e Márcia, que a direita avançou na capacidade de mobilização das pessoas e na disputa das ruas. Refletem sobre continuidades e descontinuidades da mobilização social após Junho: Irma, mais otimista, tal qual Rosa, cita o crescimento de juventudes socialistas (como o Juntos!, ao qual ela viria a se filiar) e a potência de movimentos juvenis como a Primavera Feminista, as ocupações estudantis e o Ele Não!; Marcos, menos otimista, destaca a incapacidade dos governos petistas de catalisar as energias juvenis para “uma guinada mais radical nas mudanças” e as dificuldades das esquerdas de dar continuidade à mobilização popular tão bem-sucedida em Junho.

A hipótese inicial de que a dinâmica observada em Caxias do Sul teria sido uma espécie de modelo para os eventos de 2013 nos interiores não foi totalmente referendada. A proliferação dos atos como efeito contágio e a convocatória de atos como iniciativas individuais pelo *Facebook* é algo que se repete apenas em Americana/SP; ainda que em São José dos Campos/SP estudantes autonomistas tenham feito uso desta rede social para se organizar, os atos são convocados por ativistas e militantes de organizações e movimentos, tal qual nos municípios sul mineiros; entretanto, o autonomismo em São José dos Campos cede mais espaço, de um lado, a ações diretas como o trancamento de importante rodovia e ao rechaço do tradicional modelo de marcha guiada por carro de som, de outro, à conversão da desconfiança aos partidos em discurso antipartidário e antissindical da multidão de heterogêneas origens sociais; em Poços de Caldas/MG, o repertório socialista orientou mais os atos, diminuindo os espaços tanto das ações mais radicalizadas, ao estilo *Black Bloc*, quanto do rechaço patriótico a partidos e sindicatos, em manifestações de caráter mais tradicional, guiadas por carro de som fornecido pelo sindicato de docentes.

O efeito contágio, entretanto, é um elemento comum nos interiores, quando a multidão veio por transformar os principais atos, do dia 20 de Junho ao final do mês, em protestos massivos, trazendo pautas polissêmicas, difusas e contraditórias entre si, já que representavam indignações e aspirações de heterogêneos grupos sociais: o resultado caótico desse fato é patente, entretanto, apenas em Caxias do Sul, enquanto que nos demais municípios há alguma capacidade de direcionamento

do protesto e de tradução das demandas em pautas concretas – em especial a pauta que sempre é a original (a redução das tarifas do transporte). Os legados de Junho são mais positivos no relato de quem era, originalmente, ativista cultural, André Martins, que liderou em Junho e nos anos seguintes um coletivo muito afeito às práticas autonomistas, a despeito de ter se filiado ao PT; também, de quem veio por se tornar militante do Juntos!, uma juventude ligada ao PSOL, partido socialista crítico do Campo Popular (Rosa e Irma): relatam a continuidade de práticas ativistas progressistas, a formação de nova militância juvenil nos partidos de esquerda, a criação de coletivos identitários e novos protestos progressistas (como as ocupações secundaristas de 2015 e 2016 e o Ele Não! em 2018). Todos os relatos concordam, entretanto, que direita e extrema-direita aprenderam a disputar as ruas e fazer mobilização popular, bem-sucedidas na tradução de parte relevante das indignações e demandas difusas em ideários políticos supostamente antisistema. (Nobre, 2013).

EXPERIÊNCIAS E TRAJETÓRIAS

Nesta seção, consideramos alguns dados sobre as trajetórias das seis pessoas entrevistadas, buscando analisar a importância das Jornadas como experiência de vida e suas influências. A hipótese é de que essa experiência configurou um processo de subjetivação política (Rancière, 1996) e, nesse sentido, se constituiu em uma encruzilhada nos itinerários dessas pessoas, ou seja, rompeu roteiros já traçados por suas socializações políticas pregressas – tal qual o movimento das ocupações secundaristas faria com adolescentes de menor capital econômico, cultural e político em 2015 e 2016. (Autor, 2022, 2021).

Hugo (Caxias do Sul/RS) veio de família brizolista, logo atuando no PDT (Partido Democrático Trabalhista) e no sindicato dos metalúrgicos. Apesar de sua avaliação muito negativa das Jornadas, reconhece que, por influência de sua participação nos protestos, mudou de curso (da Engenharia para a História) e passou a se envolver com o ME universitário, se elegendo coordenador do Centro Acadêmico de História da Universidade Caxias do Sul (UCS) em 2014. Os anos seguintes a 2013 foram de intensa atuação política, nos movimentos estudantil e sindical, vindo a se filiar ao PCdoB. Desentendeu-se com a direção do sindicato e retornou ao PDT, que logo abandonou também, em choque com sua ala direita. Mesmo reconhecendo a relevância dos movimentos identitários e seu crescimento após 2013, considera que eles “perderam totalmente o caráter de classe” e provocaram certo afastamento de pessoas da classe trabalhadora. Não concluiu o curso de História e veio residir em São Paulo com sua namorada, onde trabalha como

metalúrgico. Atualmente, é filiado ao PT, mais por uma “questão simbólica”, sem atuação militante.

Márcia (Caxias do Sul/RS) iniciou sua atuação política no ME secundarista, com 15 anos, quando se tornou presidente do grêmio estudantil. Filiou-se à UJS em 2012 e, logo, ao PCdoB. Márcia ingressou no curso de Jornalismo em 2013 pelo PROUNI (Programa Universidade Para Todos) na UCS, mas, sob influência de Junho, migrou para o Serviço Social, curso no qual se formou. As Jornadas também alavancaram o ME na UCS, no seu entender, quando sua chapa venceu as eleições para o DCE ainda em 2013. Márcia presidiu a UJS em Caxias do Sul e, hoje, é vice-presidente do PCdoB na cidade e suplente de vereadora. Após atuar vários anos como assistente social, hoje é assessora parlamentar. Tem uma avaliação menos negativa do Junho do que a de Hugo: afirma que houve um alinhamento internacional para fazer proveito da conturbação resultante de 2013, mas, nem isso, nem a atuação da direita, foram suficientes para impedir a reeleição de Dilma em 2014; enquanto isso, as pautas identitárias também ganharam expressão local, com a formação de lideranças LGBTQIA+, feministas e negras em decorrência das Jornadas. 2013 encontrou Márcia ampliando seu envolvimento com as entidades estudantis e organizações partidárias no campo da esquerda. Seu relato demonstra os impactos pessoais desta experiência no seu aprofundamento da atuação militante e a reorientação de sua formação profissional.

André (Americana/SP) era um ativista cultural quando fundou o Pula Catraca. André e o movimento foram muito procurados por partidos de esquerda e, após certa dúvida entre o PT e o PSOL, filiou-se ao PT ainda em 2013. O Pula Catraca foi bastante ativo em questões locais nos anos seguintes, enquanto André tentava, de um lado, tornar o Pula Catraca menos centrado em sua liderança e, de outro, lidar com ameaças e perseguições diversas, além de dificuldades em se empregar como comunicador social: “Durante muito tempo eu tive dificuldades para sair na rua, eu saía já olhando pros lados”. Ainda presidiu o Conselho Municipal de Cultura, mas as perseguições e a desmobilização do Pula Catraca o levaram a se mudar para a capital paulista, tendo atuado nos últimos anos profissionalmente na comunicação política, em especial com lideranças do PT, hoje empregado como assessor parlamentar. Sobre os legados de 2013, apesar de considerar que ainda serão colhidos efeitos positivos do ciclo, afirma que “tem um sentimento muito dúbio nisso, porque eu sei que o movimento como um todo foi utilizado para algo muito negativo”. Entretanto, sobre a importância pessoal de 2013, é taxativo: “Às vezes eu tenho dificuldade de lembrar da minha vida antes de 2013. É como se eu tivesse nascido ou morrido de novo”. Essa frase caracteriza André como a

pessoa mais impactada pela experiência de 2013 entre as que fizeram o Junho dos interiores.

Rosa (São José dos Campos/SP) iniciou sua politização por meio do feminismo da Marcha Mundial das Mulheres, durante sua graduação em Serviço Social em Londrina/PR. Em 2013, estava de volta à sua cidade natal para ajudar a cuidar de sua avó. Apesar de ser filiada ao PSOL, se tornou militante de forma efetiva apenas quando conheceu o Juntos!. Foi candidata a vice-prefeita em chapa com o PSTU e à deputada estadual. O trabalho militante a impediu de terminar o curso em Londrina, mas ele veio a se formar como assistente social por uma instituição particular, mas pouco exerceu a profissão efetivamente. Hoje, reside na capital paulista, assim como André e Hugo, trabalhando como assessora parlamentar pelo PSOL. Junho a cativou por sua força e seu tamanho, tendo alavancado em sua cidade os coletivos identitários e os próprios partidos de esquerda, ainda que o movimento autonomista tenha desaparecido depois. Apesar de ser mais otimista sobre os legados de 2013, reconhece que a extrema-direita foi muito bem-sucedida em tirar proveito de certo “vácuo na política”. Pessoalmente, após as Jornadas, Rosa aprofundou a sua militância e passou a ter uma carreira profissional centrada na atuação política institucional.

Marcos (Poços de Caldas/MG) veio de família popular periférica de Poços de Caldas, foi bolsista do PROUNI e, em 2013, era professor de Geografia em escola municipal e fazia Mestrado em Educação – hoje é Doutor em Educação. Estreante nas ruas em protesto contra o aumento da tarifa de ônibus, em 2005, passou a se envolver a partir do ano seguinte com mais consistência em movimentos sociais e o PT. Se tornou o coordenador do cursinho do Educafro na cidade em 2009, movimento muito atuante em 2013 e nos anos seguintes. Lá também houve, como decorrência de 2013, a formação de coletivos identitários. Deixou cargo na gestão municipal em 2014, em desacordo com recuos na política de transporte, continuando a atuar no Educafro e no PT até hoje. Entretanto, seu diagnóstico acerca dos movimentos sociais no contexto atual é menos otimista. 2013 aparece em seu relato como um momento de grande importância pessoal, contudo, é apresentada como uma continuidade da sua militância política desde meados dos anos 2000.

Irma (Alfenas/MG) vem de família de docentes da Educação Básica estadual. Considera que sua atuação militante começa mesmo em 2014, quando participa da fundação de um núcleo do cursinho popular Emancipa e do Juntos! em Alfenas. Irma faz das Jornadas o tema do seu Trabalho de Conclusão de Curso, mas já havia aprofundado sua militância no Juntos! e PSOL, inclusive se candidatando à vereadora nas eleições de 2016. Fez mestrado em Educação na universidade federal de

sua cidade e, aos poucos, foi deixando sua militância no Juntos! e até mesmo sua atuação no PSOL, dedicando-se mais à sua atuação profissional como docente de Sociologia e em programa municipal de educação não-formal.

É importante constatar que três das pessoas entrevistadas estavam iniciando a sua vida estudantil universitária quando aconteceram as Jornadas (Hugo, Márcia e Irma), enquanto uma havia interrompido sua formação por uma questão familiar (Rosa). A condição estudantil e juvenil colabora para compreender o quanto Junho foi impactante para tais jovens, que também estavam em fase relativamente inicial de suas militâncias. O relato de Marcos, o mais experiente em 2013, é o que mais descreve as Jornadas como uma continuidade de sua militância e de campanhas prévias. Desse modo, a condição de neófito no ativismo político é a que melhor ajuda a explicar a reação de André Martins à experiência de Junho: apesar de já ter 27 anos e já ter se formado como publicitário, a sua abrupta transposição de ativista cultural à liderança das grandes manifestações do Pula Catraca foi um divisor de águas em sua vida.

Junho é um processo de subjetivação política para, ao menos, cinco das seis pessoas entrevistadas. Mesmo Hugo, tão crítico a 2013, considera que as manifestações afetaram sua trajetória política e educacional, inspirando sua entrada no ME e a transferência para a História. 2013 é também um processo de subjetivação do ponto de vista que mais apetece Rancière (1996), ou seja, como formador de coletivos que contestam as fronteiras estabelecidas pelas forças “policiais”: isso se dá, primeiro, com a criação de movimentos identitários, notadamente feministas; também, na renovação das juventudes partidárias e dos próprios partidos de esquerda, com o recrutamento de jovens militantes que trazem não apenas número a estas organizações, mas também expectativas de mais combatividade.

Os protestos nos municípios interioranos aqui investigados reforçam o que outros trabalhos desta pesquisa têm encontrado (Autor et al., 2023): a impactante experiência pessoal e política nas Jornadas, como ativista ou militante, tende a marcar valores, expectativas e projetos de vida destas pessoas. Para alguns e algumas, isso significou um reforço de trajetórias políticas e profissionais esperadas, dadas as influências pregressas da socialização política – caso mais patente aqui é o de Marcos (Poços de Caldas). Para outras pessoas, entretanto, as Jornadas apresentam uma encruzilhada que, sem o ciclo de protestos, seria bastante improvável em suas vidas; nesta encruzilhada, abrem-se opções de atuação política e ressignificação de trajetórias escolares e políticas que deslocam os sentidos esperados pelo processo progresso de socialização política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas e publicações sobre as Jornadas de 2013 tendem a se concentrar nas capitais, em especial no Sudeste do país, muitas vezes apresentando a dinâmica observada na capital paulistana como uma síntese do que foram as Jornadas. Também, tendem a desconsiderar dinâmicas em outros estados (que tiveram processos diferenciados), assim como a desconsiderar o caráter das manifestações quando interiorizadas, incluindo municípios que tinham muito poucas ocorrências desse tipo em sua história.

O objetivo deste artigo foi caracterizar a dinâmica dos protestos no interior dos estados brasileiros durante as Jornadas de 2013, com base na categoria de ciclo de protestos da Teoria dos Processos Políticos (Tarrow, 2009). 2013 nos interiores compõe principalmente o ciclo curto de Junho, já que grande parte das ocorrências se deu a partir da massificação dos protestos; abruptamente, no final do mês, os grandes protestos cessam, em meio ao espanto das instituições políticas em todos os níveis, como as prefeituras, que revogam aumentos das tarifas de ônibus ou as reduzem em resposta à mobilização popular.

Caxias do Sul/RS caracteriza melhor esse enquadramento das Jornadas nos interiores. Foi justamente o seu caso que motivou a hipótese, que apenas em parte foi aqui comprovada, de que essa dinâmica dos protestos teria sido a geral nos interiores em 2013.

A hipótese foi apenas em parte comprovada porque em alguns casos, os eventos de suas Jornadas caracterizaram-se, ao menos em parte como um ciclo médio. Isso se deu de duas formas: em alguns municípios, há um período bem marcado de latência, como a mobilização suscitada por estudantes autonomistas desde o início de 2013 contra o preço das tarifas, em São José dos Campos/SP, ou o acúmulo de lutas de movimentos e partidos de repertório socialista em Poços de Caldas/MG; em outros municípios, é mais patente a continuidade de eventos após Junho, mesmo que os atos não tivessem o mesmo número de manifestantes, no que se destaca Americana/SP.

Em todos os casos, a despeito de Junho ter sido curto e concentrado, os legados progressistas relatados são importantes. Pode se considerá-los como parte de uma nova latência (Melucci, 1989) que vai preparar novas irrupções progressistas a partir de 2015: coletivos identitários e a renovação de juventudes e partidos de esquerda, com presença importante do ativismo autonomista nos primeiros tempos.

As pessoas entrevistadas reconheceram, mesmo que de forma implícita, como no caso de Hugo, o impacto das Jornadas como experiência política. Essa experiência teve influência significativa nas suas trajetórias escolares, políticas e

profissionais (excetuando o militante já experiente Marcos). Permite-se formular a tese de que as Jornadas constituíram um potente momento de subjetivação política (Rancière, 1996) das juventudes brasileiras: de um lado, inspirando a formação de coletivos que recriam a política como desentendimento – em seu desafio dos limites instituídos pela ordem social e “policial”; de outro, atuando como um “divisor de águas” nos itinerários de socialização política das pessoas que viveram aquela experiência, deixando marcas sagazes que reorientam suas trajetórias, não apenas políticas, mas também educacionais e profissionais.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Angela (2012). Repertório, segundo Charles Tilly: história de um conceito. *Sociologia & Antropologia*, v. 2, n. 3, p. 21-41. <https://doi.org/10.1590/2238-38752012v232>
- ALONSO, Angela; MISCHÉ, Ann (2017). Changing Repertoires and Partisan Ambivalence in the New Brazilian Protests. *Bulletin of Latin American Research*, v. 36, n. 2, p. 144-159. <https://doi.org/10.1111/blar.12470>
- AUTOR ET AL. (2023)
- AUTOR (2022)
- AUTOR (2021)
- BRAGA, Rui. (2017). “Os sentidos de junho”. In: BRAGA, Rui. *A rebeldia do precariado: trabalho e neoliberalismo no Sul global*. São Paulo: Boitempo, p. 221-244.
- DOWBOR, Monika; SZWAKO, José (2013). Respeitável público: Performance e organização dos movimentos antes dos protestos de 2013. *Novos Estudos*, n. 97, p. 43-55. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002013000300004>
- G1 Campinas e Região. Protesto termina em briga entre PM e Guarda Municipal em Americana, *G1 Campinas e Região*. 07/09/2012. <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2013/09/protesto-termina-em-briga-entre-pm-e-guarda-municipal-em-americana-sp.html> (acesso em 11/09/2024).
- GERBAUDO, Paolo (2017) *The mask and the flag. Populism, citizenism and global protest*. New York: Oxford University Press.
- IBGE. Estimativas da população residente nos municípios brasileiros com data de referência em 1º de julho de 2013. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2013/estimativa_2013_dou.pdf, acesso em 11 set. 2024.
- MCADAM, Doug; TARROW, Sidney; TILLY, Charles. Para mapear o confronto político. Lua Nova, São Paulo, n. 76, p. 11-48, 2009.
- MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais? Lua Nova, São Paulo, n. 17, p. 49-66, 1989.

- NOBRE, Marcos (2013). *Choque de democracia: razões da revolta*. São Paulo: Cia. das Letras.
- ORTELLADO, Pablo “Cidadanismo” interrompido. *Folha de S.Paulo*. 20/06/2017. <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/pablo-ortellado/2017/06/1894308-cidada-nismo-interrompido.shtml> (acesso em 04/09/2021).
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana (2019). *Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e as possíveis rotas de fuga para a crise atual*. São Paulo: Planeta do Brasil.
- RANCIÈRE, Jacques (1996). *O desentendimento: política e filosofia*. Tradução: Ângela Leite Lopes. São Paulo: Ed. 34.
- RODRIGUES, Elaine. Protestos levam 30 mil às ruas de São José dos Campos e fecham as duas pistas da via Dutra. 20 jun. 2013. *Notícias UOL*. 20/06/2013. <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/20/protestos-levam-30-mil-as-ruas-de-sao-jose-dos-campos-e-fecham-as-duas-pistas-da-via-dutra.htm> (acesso em 11/09/2024).
- SALLAS, Ana Luísa; GROppo, Luís André Martins (2022). Ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016: sujeitos e trajetórias. *Revista Brasileira de Educação*, v. 27, e270124. <https://doi.org/10.1590/s1413-24782022270124>
- SANTOS, Carlos. Protesto marca desfile cívico de 7 de Setembro em São José dos Campos. *G1 Vale do Paraíba e Região*. 7/09/2013. <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2013/09/protesto-marca-desfile-civico-de-7-de-setembro-em-sao-jose-dos-campos.html> (Acesso em 11/09/2024).
- SILVA, Samantha. ‘VemPraRua’: manifestações tomam cidades do Sul de Minas em 2013. *G1 Sul de Minas*. 28/12/2013. <https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2013/12/vempraruam-manifestacoes-tomam-cidades-do-sul-de-minas-em-2013.html>. (acesso em 04/09/2024).
- SINGER, André (2013). Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 97, p. 22-40. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002013000300003>
- SPERBE, Paula. Rebeldes com causas (2014). *Revista UCS*, v. 2, n. 2. <https://www.ucs.br/site/revista-ucs/revista-ucs-12a-edicao/rebeldes-com-causas/> (acesso em 11 set. 2024).
- TARROW, Sidney. *O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político*. Petrópolis: Vozes, 2009.